

6.

À Guisa de Conclusão: o Olho, a Letra e suas Geometrias

Busca, em literatura, é tema mais do que consagrado: Borges já o disse. A centenas de heróis a literatura impôs a árdua tarefa de buscar alguma coisa para então contar a história dessa busca.
Reinaldo Santos Neves e *A longa história*

Geometria 1

A leitura é uma habilidade que nos conduz a pensar sobre questões nossas que não foram questionadas ou a conhecer aquilo que não tínhamos ainda reclamado no interior de nosso horizonte (cognitivo) de compreensibilidade.

Como leitor, dou a minha palavra ao texto; o texto, reconfigura minha história. Leio com o que sou, e a cada leitura sempre me leio de novo. E a minha leitura é sempre memória de outras leituras, e só me distanciando do que foi lido é que posso ser de novo. Nesse movimento sou um outro eu; e me identifico, porque há um tu com diferentes características. É justamente nesse entrelaçamento de linguagens que me reafirmo “[...] o que implica [e pressupõe] afetos, identificações, interações e – verbo – linguagem, na qual deem conta de se expressar e comunicar o que sentipensam [...]” (Yunes, 2000). Somos feitos de histórias com as quais nos envolvemos, a se fazerem herança consubstanciada pelos atos do homem.

Essas formulações têm seus desdobramentos, e, à medida que se vão processando, ganham volume as manifestações de discordâncias com o que afirmo ou tenha afirmado. Em essência, e é o que estimula, está, nessas manifestações, um dos caminhos férteis que o homem tem à sua disposição para desenvolvimento do pensamento e do conhecimento: a possibilidade de contrastar. O conhecimento somente se constrói e desenvolve a partir dos contrastes.

No fundo, no fundo, quis-me pôr à prova, colocando-me diante de um quadro, “fazer dele uma leitura” e ao mesmo tempo oferecê-la como objeto de um diálogo fundado no princípio da crítica produtiva. O conhecimento não está na escrita, tampouco na pintura. Também não está na leitura. Está no ser. E é resultado do que penso e faço e do embate com o que o outro pensa e faz e o que a realidade me mostra.

Fazer ciência é, então, tornar públicos os resultados, mas também, o modelo procedimental usado para o desenvolvimento e o alcance desses resultados.

Geometria 2

Sabe-se da diferença entre uma criação e outra: escrita se faz com palavras, e, ainda que plana, porque linear, desconcerta, uma vez que ilude pela simplicidade com que se movimenta pela sua representação unidirecional – com a fala, ocorre também desse modo – e reafirma essa ilusão, porque está sob o prisma do tempo, um tempo, no entanto, que é o da narrativa, que ora vai e volta, ora avança e ganha espaço noutro tempo e, uma vez e outra, se descobre que é um só o comentário, porque encontrado num outro livro, de outro modo talvez, também com dor e ódio, comiseração e acolhimento, com prazer e gargalhadas, e as possibilidades se arranjam em misturas intermináveis e humanas; pintura se faz com pincel e tintas, matéria viva e concreta. Intellectualiza-se no corte das cores e seus entrelaçamentos, o que flagra e desloca é que se vela ou e mostra plana, instantânea, espacial, *flash*, mas sintetiza o que se processa necessariamente no curso do tempo.

Geometria 3

Com a pintura, a leitura pode ser iniciada em qualquer ponto randomizado – começa-se a ler o quadro do lugar em que o espectador quer, mesmo que os elementos orientem a organização da moldura no sentido da existência do primeiro plano, do segundo etc.

A escrita ou a pintura se vela ou se revela, se mostra e se dá ou retrai, como as ervas dormideiras que se encobrem a qualquer sinal de aproximação.

Para estar com elas, é preciso esperar um tempo, um tempo que não é somente cronológico, é um tempo interno, de ruminação, não é um tempo intelectual, não tem método, não é positivista e determinístico. A leitura é esse manifesto exercício de relação entre o corpo e a obra redobrados sobre si mesmos, em que não há fronteira entre um e outro e cujo impulso depende da energia e da força do desejo que dão curso a ele. Não basta, portanto, que definamos ou

predeterminemos como fazer com tal ou qual procedimento, que deve, enfim, nos conduzir. Não é pensar, é sentir. Uma vontade de elucidar o mistério de si mesmo. O texto se apresenta ao leitor na medida em que o leitor pode segui-lo, tanto no que se refere ao entrelaçamento com sua estrutura quanto sua superação. O visto está posto, isso é fácil de compreender; o não-visto, de outro modo, se esconde, se desloca, é algo que escapa, flui. Só ganha forma com a leitura, com o que se anuncia no ato de ler, porque não tem forma, mesmo que abstrata, flui, se desloca. E o não-visto somente se anuncia como processo lento, demorado, que espera pela redescoberta de detalhes. O que anuncia é que ler é a busca pelo que não se sente e não se vê, pode estar por vir ou pode ter acontecido. O leitor-espectador talvez não saiba ainda. O que é preciso é que não perca a paciência, porque sempre é imprevisível o momento em que se dá forma a uma base amorfa. A forma só ganha qualidade particular, quando adquire essência. Um dia, talvez, como resultado da velocidade de uma flecha.

Leitura tem a ver com experiência, não com doutrina e com dogma.

Geometria 4

É como se o olho fisesse sub-repticiamente o objeto e o enlevasse ao ponto deslocado da suspensão. Na dança da galeria imaginária das relações, o olhar (do pintor) e o gume do pincel enredam o objeto, que pode ter como âncora ou o modelo que é visível, ou o modelo-imagem presa do pensamento. Num ou noutro cenário, a pintura não congela uma referência material, mas a imagem que o pintor tem do seu referente, seja concreto, seja abstrato. E essa visibilidade vai se configurando objeto capturado, ao movimento de cada corte do pincel e no encadeamento de linhas e cores. Todos os quadros apresentados e configurados em cada um é um atalho desse movimento, deslocado no espaço e suspenso no tempo, que o estreita no olho da câmara e para o ponto em que cada pintor suspendeu o intervalo entre a mira e a flecha, ou, de golpe, preparou o adiamento do último corte.

Um primeiro gesto que pode ter o leitor-espectador diante de um quadro é senão aquele de colocar-se no enquadramento da moldura. É senão um daqueles gestos que escapam ao pintor: na moldura, ganha volume um corpo masculino ou um outro corpo feminino. O leitor-espectador entra no quadro como modelo,

momentânea a visada ou no compasso da espera e do desejo do corte. Do mesmo modo, uma forma estendida de ver se define, porque se deixa enredar o leitor-espectador, nas cores do desenho, no mesmo sentido que o espelho captura as imagens que produz. O quadro aceita esse deslocamento. Mas há um outro movimento de olhar em que o leitor-espectador se concede uma preparação de corpo e de alma para o exercício da leitura. Divisa-se no quadro esse tempo-expectativa. A cada traço na moldura e a cada gesto de quem o olha, é como se a câmara imprimisse ritmo ao objeto, que dissimula a sua referência sob dois compassos: o modelo ou seu referente, no seu verso ou reverso, o seu percurso, ele próprio.

Os limites de cada permanência oscilam pela relação de adensamento entre o quadro e quem se coloca diante dele, o pintor ou o espectador. Embora permaneça a relação entre o objeto (o quadro) e o objeto-modelo, a pintura não congela uma referência material ou psicológica, tampouco a imagem que o pintor tem de seu modelo, que pode ser uma realidade concreta ou uma realidade abstrata. Enquanto presa-pensamento ou como verdade concreta, a vida real de um ou de outro se encerra no limite de cada golpe do pincel. Isto é, entre o modelo e o quadro não há aderência, ao contrário, se um reclama o outro, essa independência se define como luta encenada entre realidades contíguas. Esse é o olhar que recai sobre a tela do ponto de vista de quem a persegue.

O leitor-espectador se movimenta ao curso do pincel, em que as tintas se entrecruzam e fazem significação, ora para se fixar num ponto, ora para delinear outro viés. Se não lê, é como se estivesse sem as chaves no bolso, se faz uso da chave, é preciso dar conta de seus passos, caso a imprevisibilidade lhe bata à porta.

O que estimula é a caminhada. Os desafios estão nos desejos de perguntar, é que vão no mesmo curso do fluido da procura. E de nada convém ou traz solução tentar conter esses movimentos de força escondida e incessante. O indivíduo se atormenta pela exclusão da oportunidade de conhecer o outro e a si próprio, emerge-lhe a súplica do interrogar-se, caso não se deixe levar pela vontade e desejo de saber.

A cada virada de página e a cada compasso de gestos e movimentos em direção ao quadro, o leitor-espectador encontra uma outra pergunta em busca de lugares sem nome: que outras obras leu ou que outras obras lerá.

É o que quis dar o pintor ao leitor-espectador, não como moldura, mas como escolha que a antecede, aí é que está a sutileza da diferença e do encanto: o que é próprio do atalho de movimento como tela e que se antepõe a ele, na verdade, como reflexo intangível para o resto do mundo.

E, por esses sentidos, a escrita, a leitura e a pintura cortam por antecipação.

Geometria 5

A imagem na contemporaneidade, melhor dizendo, o estatuto da imagem na contemporaneidade ganha o escopo de imagens que se entrelaçam e enredam, porque a sociedade contemporânea é uma complexidade fluida e movediça. Em outros momentos da humanidade, não há dúvida de que os caminhos eram menos cambiantes e tortuosos, a relação espaço-tempo se estabelecia em outra dimensão, e de outro modo se configurava o estatuto da imagem. O tempo era de natureza linear, ou pelo menos, o homem o sentia como uma linha em movimento, como um novelo sendo desenrolado. Não é o caso da contemporaneidade. Permitam-me uma digressão: o tempo tem atravessado a história e sempre incomodou o homem, sobretudo os filósofos. Tudo corre inexoravelmente na abstração do tempo. O tempo não é coisa. Todo minuto pode ser uma origem. Pensar sobre a natureza do tempo, tentar explicá-la é atormentar-se.

Mas essa percepção, esse modo de ver e sentir de exclusividade dos tempos atuais não está em todos, pois não há uma compreensão pela humanidade de que o tempo é esse mosaico, esse entrelaçamento espiralado. Uma das razões para essa lacuna de entendimento está em que, apenas para citar um exemplo, há uma cronologia de dias, de noites e dias, de meses e anos, configurada num calendário, demarcado entre dois tempos: antes e depois de Cristo, e é o que conta efetivamente no imaginário das pessoas, é que há uma ordem, uma sequência cronológica, uma sucessão que tem como ponto de referência concreto os dias, os meses, o ano, não necessariamente os anos e os séculos, mas o que finaliza e começa é o ano, que, para os cristãos, finaliza com o renascimento de Cristo e, para a humanidade, se inicia com a confraternização entre os povos.

Imaginemos, no contraponto, a história dos homens numa referência distante do universo contemporâneo, num período que antecede ao da imprensa.

Ou distanciemos um pouco mais o olhar, nas imagens talhadas nas paredes das cavernas. As imagens estiveram ali ou estão ali, para dizerem que os atos humanos, os objetos, os instintos animais existem, que o que há e pode ser visto ou pensado pelo homem é passível de representação e configuração. O papel da palavra nesse cenário remete a uma sociedade que ainda não conhecia a escrita. E ainda hoje ocorre assim com as sociedades ágrafas. Pois todo o construto cultural de uma sociedade de oralidade primária abriga sua sustentabilidade e sua identificação na memória dos indivíduos, associada à linguagem falada ou a um outro modo de manifestação. Isso significa que qualquer referência da cultura dos povos ágrafos só se mantém viva, se for periodicamente repetida e retomada em voz alta.

O olhar sobre o objeto se altera, então, com o advento da escrita e aprofunda o distanciamento mais ainda com a imprensa. A escrita e a imprensa se constituem duas cesuras decisivas na história do homem. Se com a escrita, o pensamento humano se fixa em durabilidade e mesmo pela extensão dos registros a indivíduos não compreendidos nas relações de mesmo círculo, com a imprensa consolida-se o devir sem marcas. Porque não há mais um mestre que detém a informação e só a ele faz medida ou o conclama a comunidade, para que seja satisfeita em sua expectativa. Com a escrita e com a imprensa mais ainda, o indivíduo ganha autosuficiência.

Ao contrário do movimento para o passado dos dois cenários anteriores, imaginemo-nos num futuro, que não se revela concretamente por antecipação, mas que pode ser experimentado hipoteticamente como possibilidade, nos dando conta da substituição do livro impresso pelo eletrônico, seja sob o formato CD-Rom, seja pelo seu deslizamento nos ambientes virtuais de leitura.

Estamos diante de dois modelos de apresentação da escrita: o livro impresso e o livro eletrônico. São dois formatos de apresentação que implicam formas diferentes de olhar, de impor as mãos, de vergar o corpo sobre o objeto. Mas a escrita permanece como escrita. Não há subversão à sua representação. Não que me preocupe a possibilidade de que sua representação seja deslocada de seu eixo, o que pode favorecer o surgimento de uma outra forma de o homem conduzir-se à comunicação, chegando mesmo a haver a substituição da escrita. Pelo contrário, me seduzem sempre resultados criativos. E a escrita eletrônica, melhor dizendo, o texto escrito e veiculado pelo meio digital – assim se deve

dizer, porque o texto eletrônico, se a escrita serve a ele como um de seus componentes ou que dela seja ele o único, tem-se feito representar sob o modelo da escrita impressa – responde plenamente à expectativa do homem atual, pela necessidade de maior rapidez na transmissão das informações, em decorrência de a relação tempo e espaço ter sido alterada em sua essência. Se o telefone é instrumento que deu o primeiro toque para alterar os intervalos de conexão tempo-espaço, os ambientes virtuais de convivência consolidaram essa indissociabilidade em grau zero de divisibilidade.

Mas o desaparecimento do livro impresso foi dado há pouco como possibilidade, uma projeção de não-existência, ou de um esquecimento que está por vir, uma lembrança, somente como resquício. Não se pode negar que esse estado de existência inexistente não é possibilidade remota, porque exemplos variados de invenção, ao longo da história, comprovam a capacidade humana de inovar: antes, a oralidade memorável, depois a escrita, passados séculos, a imprensa, na atualidade, o espaço virtual. Há poucos anos, compreender e explicar a ideia de aldeia global no sentido de que as informações chegariam em tempo simultâneo em diferentes e variados espaços era de alcance marcadamente abstrato, privilégio dos seus idealizadores ou dos que sempre se afinaram com a possibilidade inovadora humana de sempre inaugurar. Para muitos, portanto, uma necessidade para a convivência entre os homens. No entanto, para tantos outros, uma notícia de ter ouvido dizer e, para os incrédulos, uma impertinência ou um sacrilégio. É tolerável que assim pensem e ajam, pois era do senso comum pensar, séculos e séculos atrás, que signos gravados no barro transmitiriam um dia esse universo de conhecimento de que nos valemos na sociedade contemporânea? Da mesma forma que muitos ainda não sabem que o universo do conhecimento humano é registrado pelas línguas de cultura pelo uso de um número limitado e finito de letras, e que um volume indiferenciado de sentidos é produzido como resultado da articulação e do arranjo de um número fixo de unidades de som. Nesse sentido, olhar para o futuro e ver suprimido o livro e, propriamente a escrita, é uma possibilidade. A leitura, num lance de projeção bem futurística, poderá não ser mais uma exclusividade da visão. Em que outros sentidos se localizará o privilégio? A resposta ainda está por vir.

Há outros aspectos a serem considerados. A escrita impressa corre pela linearidade, o tempo é delimitado cronologicamente, e o espaço é territorializado;

a escrita eletrônica se ramifica de forma interativa, porque reduplica a informação. E dá ao olho a sensação de que pode ultrapassar a linha da superfície, pode brocar, ver microscopicamente. A informática se movimenta em fluxo randômico.

Essa rede de interfaces se fortalece como reflexo e instituidor da economia de relações globalizada pelo qual atravessa a humanidade. Como se sabe, globalização é resultado de um arranjo de natureza empresarial de mercado que tem sua origem nos séculos XV-XVI e que desponta como ápice de organização e resultados da metade do século XX para os nossos dias. Nesse cenário, os seres humanos não se contentam com o que veem e têm, quando percebem a fluidez e o descarte que dão sustentação aos apetrechos e valores humanos. Revelam-se necessariamente pela expectativa de movimento-mudança em estado permanente de mutação. Tanto os que produzem quanto os que consomem. É uma busca constante pelo novo, incorporada e banalizada na experiência cotidiana das pessoas. Mas essa relação não é de natureza bipolar e com espaços demarcados de participação produtiva e de consumo. As fronteiras não estão claramente definidas num espaço de separação e diferenciação, ao contrário, ambos os limites, indecifrados e fluidos, permitem a movimentação humana e se produzem e consomem simultaneamente.

O ser humano, nesta organização de sentido contemporânea, se revela múltiplo e diferenciado, o que o alimenta e referencia é a busca permanente, voraz, insaciável de uma nova explicação de como e por que se assemelha e se diferencia na sociedade. Esse desassossego resulta da desconfiança à concepção determinista de que há uma explicação acabada da realidade. É o vislumbrar de compreensão de que a homogeneidade de princípios e ações emancipatórias para a humanidade é aparente e enganadora. Daí advém que cada manifestação humana se aventura na rede de relações para provar sua importância e validade e para que tenha direito à existência, mesmo que ganhe curso pela transitoriedade. Tem necessidade incontrolável de buscar e mesmo provocar o novo para constituir-se, seja porque não se vê mais ou não é visto, seja porque se sustenta pela imprescindibilidade de ser enquanto referência para o outro.

Nesse sentido, o lugar que falta é o que se quer encontrar. Talvez esse lugar possa ser encontrado no fundir das fronteiras, não em sua rigidez de limites, mas no seu deslocamento e reorganização, conforme se revelem e se ajustem a força e a velocidade plurais constituidoras da lógica permanente de cada formação

cultural. A diferença se projeta, e a identidade se afirma, à medida que as duas linhas de força se consintam mediadas pela articulação entre o dentro e o fora, entre o familiar e o estranho.

Não se trata de uma movimentação e mudança sem desconfortos, perdas e exclusão. Do contrário, teríamos uma relação dialogal de fácil engendramento e de resultados inevitavelmente eficazes e favoráveis para todos. Uma relação de diálogo não se concretiza pelo encontro, mas num encontro de aproximação e distanciamento, ora um, ora outro, ora possivelmente um entrelaçamento entre os dois polos e, assim, emerge um novo patamar na diagramação de contatos humanos. Não se pode mais ter certeza de como vai acontecer o que se projeta acontecer. A imprevisibilidade é a força que engendra os acontecimentos.

A ideia de rizoma é configuração de Deleuze e Guatarri, uma pré-configuração, uma projeção ou, pode-se dizer, a antecipação da idéia de randoma, um engendramento de fluxos que mobiliza e tensiona, e se espelha e circuita num entrelugar de configuração fractal. Uma imbricação, porque se reveste de simultaneidade ou presença, em espaço-tempo de coexistência, de manifestações de tempos cronológicos diferentes. Ou coexistência de disssimultaneidades simultâneas. Sincronias em rede, atravessadas por isoglossas temáticas e de linguagem diferenciadas, ideologias variegadas, numa relação plural e pluralista, marcadamente ausente de marcas de homogeneidade e cronologia em todos os aspectos e orientações.

Nessa dissincronia, as massas têm uma vaga percepção dos outros indivíduos e do ambiente em que circulam ou permanecem, os olhares e as imagens não se diferenciam, porque os agenciamentos e as bricolagens murmurejam, emergem, tumorizam, são movediças, crescem por todos os lados, ao acaso, numa simetria diferenciada. Desorganiza-se a espacialidade entre o olhar e a imagem, dilui-se o encontro com a significação, Barthes e Calvino movimentam-se em sua espiral, Borges continua em sua busca permanente, Foucault fragiliza a concepção de História como tempo sequenciado e faz emergir o construto teórico sobre o efeito força-

-imprevisibilidade: trata-se de uma força sub-repticiamente escondida, que escamoteia e irremediavelmente não se mostra, porque se movimenta nos escombros. É uma energia não-perceptível e não-mensurável, porque não é física – pode-se dizer que se manifesta na fronteira do mundo físico –, mas é

suficientemente concreta no sentido de que vai e volta, aumenta e diminui, metabolicamente se transforma e se potencializa. Quando surge, surpreende ou atemoriza. Um dos exemplos próximos e emblemáticos do estado de suspensão e de temor que pôde viver a humanidade, incrédula porque submetida e submersa, está na força particular do dia 11 de setembro de 2001⁹. Mas essa mesma força está também nos contatos humanos do cotidiano, mesmo na mais simples ação de dizer e fazer.

Geometria 6

Nenhum cânone não mais se absolutiza universalmente, porque nenhuma obra de arte não se mostra ou reveste nesse enquadramento. O espaço da arte configura e expressa cenários e valores vividos ou experienciáveis. Beleza não é propriedade do objeto, mas, sim, da aura do olhar – pode-se dizer do terceiro olho, olho espiritual, olho intelectual, ou do olho que corre na terceira margem. O rito de passagem é da cultura, não do objeto. Nessa relação inclusiva, e, por ser inclusiva, necessariamente é de exclusão, várias manifestações humanas são silenciadas no campo das significações. Por isso também é que o objeto artístico reclama seu espaço. Há nele algo que pulsa. Por isso é dado a ele o destaque das exposições e das armaduras. No objeto artístico não se toca. Energiza-se com ele. Absorve-se a aura que emerge entre o olhar e o objeto. **O lugar do objeto artístico deve ser cuidadosamente demarcado em outro contexto em que não seja lugar de outros objetos, direito que tem à sua visibilidade. A sua utilidade se inscreve exatamente na e pela sua inutilidade para uso nas exigências práticas da vida.** Apesar de e por exatamente ser inútil no uso das práticas cotidianas da vida, haverá sempre um enigma que não lhe conceba a cópia como movimento significativo: por mais que sejam as cópias próximas do original, sempre serão consideradas cópias, mesmo por aqueles que as expuserem e usarem. É que toda obra de arte alcança seu estado-movimento de infinitude nos limites que lhe são consentidos pela “aura cultural”. Aura e beleza, nesse modo de compreender, não são propriedades do objeto, estão, sim, entre o objeto e quem o vê, estão na fenda entre o olhar microscópico do leitor-espectador e a tessitura do

⁹ 11 de setembro só pode ser revisto por imagens. As imagens choram, mas o que reclamam é uma Nova Iorque sem chamadas.

objeto. Daí então decorre que a fixação de um cânone e a revisão de sua natureza são determinadas por perspectivas ideológicas e políticas que surgem e ganham valor no âmago das práticas culturais. Também está aqui a razão de porque pode haver beleza na feiura e na dor.

A arte é um recorte que, ao mesmo tempo em que separa, segmenta e exclui, antecipa. Nesse sentido, a arte não é neutra, porque todo gesto humano tem politicidade, é-lhe intrínseca, necessariamente, a natureza política. Sua validade, entretanto, tem permanência movediça, porque se ancora e se relaciona num quadro epistemológico de natureza relativa. Encontra-se no contorno das relações que se estabelecem na configuração própria da contemporaneidade. Nesse universo de complexidade dos tempos atuais, o movimento-mudança do ser humano se singulariza na e pela imprevisibilidade. Nada se fixa. É um evento, é um espetáculo. Ao mesmo tempo, é fluxo randômico.

Geometria 7

O revés não pode ser falha, não deve ser erro ou fragilidade. Há de ser linha de força, há de ser caminho da diferença, há de ser exercício de abertura, de brocagem. Este tempo não pode ser de tempo partido, de homens partidos. Este novo tempo há de derivar-se de uma sociedade sob novo paradigma: os sujeitos têm o que dizer, mesmo que digam num primeiro momento o que se considere *au dehors* do conhecimento, precisam de ter a oportunidade de dizer o que têm a dizer, são, sim, capazes de pensar e de agir. A razão não se instaura e organiza e processa na relação entre sujeito e objeto, mas entre indivíduos socializados pela relação de intersubjetividades.

A comunicação torna-se o eixo primário da identidade moral e política contemporânea. Nela repousa uma concepção de filosofia caracterizada por uma avaliação positiva, embora crítica, da racionalidade e de seus progressos, por uma defesa clara da democracia como forma madura de resolução dos conflitos e por uma forte convicção de que as questões normativas são suscetíveis de discussão argumentativa (Araújo, 2005, p. 65).

Sob um outro aspecto, estaria a resistência no exercício refinado da leitura como pertença dos homens? Insistamos. Insistamos em que cada instância pública se defina como espaço de encontro com os enigmas da humanidade, no qual os

discursos sejam ouvidos e ruminados sob o olhar da pergunta e da dúvida.

A leitura há de ser um dos férteis caminhos da transformação e, se não for assim, não transforma e, se não transforma, não vale a pena, ainda que seja recorrente.

Não existem coisas, fatos, existe irradiação. Somos parte e parcela do todo. Leitura é o caminho para dentro. A busca da não-dualidade. Interiorizar a leitura, comungar com a leitura, estar em comunhão com a leitura, que expande interna e externamente a ponto de não sentir a si próprio, mas só a experiência da não-dualidade. Inter-retro-pró-conexão. Co-naturalidade.

Geometria 8

Insistamos com a escola. Há politicidade no ato de opção pela escola. Os seres humanos, ainda que não sejam livres, no sentido essencial da palavra liberdade, fazem escolhas, e todo ato de escolha é decisão política. Pensar com a leitura é pertença dos homens, altera o equilíbrio entre a linearidade da palavra iletrada e a letra viva. Para fazer, com indagação, permanente curiosidade e convicção do movimento e da mudança. E a leitura, embora possa levar a caminhos de felicidade ou de sofrimento, porque os homens assim o querem, é, por isso, da condição humana.

Insistamos com a leitura, pois favorece a dupla possibilidade de encontro com o comunicado: a possibilidade de aproximação e retomada do comunicado ou a possibilidade de distanciamento, na medida em que se pode de novo fazer-se apresentar o dito e, portanto, submetê-lo à análise. É letra falante, porque está sempre a perguntar, ou para firmar aderência e adesão ou dar corpo à rebeldia, entregando-se o leitor ao exercício para o qual é convidado, ou rebelando-se contra ele.

Insistamos com leitura em todos os sentidos e orientações. Se recair na literatura ou na pintura, que sejam os objetos atos de insurgência, que desordenem e perturbem as formas estratificadas e lhes reanimem o seu sentido coagulado, as broquem, as esgarcem, as deformem. Que batam com a forja sua própria estrutura, sob o movimento em fluxo, à espreita do possível, de uma “inexistência existente” ou de “uma existência inexistente”. Leitura na perspectiva de fazer surgir condição humana que falte.

Rancière

Compete à função fabuladora inventar um povo. Não se escreve com as próprias lembranças, a menos que delas se faça a origem ou a destinação coletivas de um povo por vir enterrado ainda enterrado em suas traições e renegações (Deleuze, 2004b, p. 14).

E o efeito que daí decorre “[...] deve ser uma espécie de assombro. Como tudo isso foi feito? É o que se deve dizer, e sentir-se esmagado sem saber por quê” (Flaubert, 1993, p. 89).

Com esse escopo, pode revelar-se a humanização: “[...] confirma o homem na sua humanidade, inclusive porque atua em grande parte no subconsciente e no inconsciente” (Candido, 1995, p. 243). Reclama, portanto, um exercício de escrita e leitura fora de seu próprio círculo. É esse o olhar, engendrado como reflexão e ato inaugural de sentido novo para os homens. Não passível de modificação, enquanto ato de escrita, mas estimulador do imaginário. A história é dita, então, pelo silêncio instigador entre o mundo luminoso e o mundo obscuro, pois toda escrita, enquanto escritura, se instaura “[...] para revelar o sentido da coragem, do dever, do alcance da justiça, da liberdade, o sentido da vida e da morte deste terrível, sujo, nobre, pequeno e grande animal metafísico chamado ser humano” (Sábato, em entrevista à Lorenz, 1973, p. 72).

É compromisso alertar que o “devir-escrita” não pode sucumbir e transformar-se numa crença literal, de tal modo que se incorra no erro de não mais distinguir o real do imaginário. A literatura, então,

[...] não é uma experiência inofensiva, mas uma aventura que pode causar problemas psíquicos e orais, como acontece com a própria vida, da qual é imagem e transfiguração. Isto significa que ela tem papel formador da personalidade, mas não segundo as convenções; seria antes segundo a força indiscriminada e poderosa da própria realidade. Por isso, nas mãos do leitor o livro pode ser fator de perturbação e mesmo de risco. Daí a ambivalência da sociedade em face dele, suscitando por vezes condenações violentas quando ele veicula noções ou oferece sugestões que a visão convencional gostaria de proscrever (Candido, 1995, p. 243).

Mas é necessário reafirmar que é

[...] desses nomes flutuantes que resistem à redução nominalista, um desses conceitos transversais que em a propriedade de desmanchar as relações estáveis entre nomes, idéias e coisas e, junto com elas, as delimitações organizadas entre as artes, os saberes ou os modos do discurso. ‘Literatura’ pertence a essa delimitação e a essa guerra da escrita onde se fazem e se desfazem as relações entre a ordem do discurso e a ordem dos estados (Rancière, 1995, p. 27).

Enfim, é necessário repisar que literatura e leitura devem ser compreendidas na perspectiva de fazerem surgir condição humana que falte, e que o leitor e escritor não podem sucumbir e transformar-se de tal modo que incorram no erro de não mais distinguirem o real do imaginário.

O argumento é plausível, se compreendermos o mundo como nosso produto e, portanto, nos sentirmos responsáveis por ele. Se realidade, sentido, identidade e valor são constructos nossos, a sua realização de forma humana depende de nossas ações; e, se ninguém pode pleitear uma verdade absoluta, precisamos solucionar os nossos problemas em comum, de forma solidária e cooperativa (Olinto, 1996, p. 60).

É preciso compreender que as relações de poder estabelecem-se por movimentos advindos de pontos de referências diferentes e processados em graus e níveis de estabilização relativa. O poder não tem forma ou essência, não é corpo, é força intensiva. É bem no oco da superfície e da profundidade – em seus buracos, em suas falhas, em suas fendas – que opera. O efeito para o espectador é sempre assombro. O inexplicável eclode, faísca ao menor movimento. A participação de Einstein no projeto Mahattan foi acidental. Mas a destruição de Hiroshima pela bomba atômica atravessou-lhe a garganta. Aqui também se inscrevem outros acontecimentos históricos, tão horrendos quanto sórdidos: Holocausto e Gulag.

Nessa linha de pensamento, tem-se que o poder não tem lugar, não está localizado e circunscrito ao aparelho de Estado, como se pode concluir com mais facilidade, pois supostamente inegável sua localização na pirâmide político-econômico-social. Outro aspecto é que uma classe dominante não é uma abstração e também não é um dado prévio. Mudam-se os mecanismos de poder, conforme se deem os movimentos sociais, mesmo em nível mais elementar, e conforme seja sua ocupação na rede de relações randômicas em sociedade. O que se afirma é que os mecanismos de poder estão também nos espaços sem escola, são as pessoas sem emprego e sem moradia, foram negros em busca da liberdade, são afro-descendentes na luta pelo acesso por cotas nas universidades, são vítimas de tortura nas prisões, são os Sem-Teto ocupando casas e apartamentos vazios.

São movimentos mágicos de subjetivação política nos quais os excluídos falam por si mesmos, defendem uma organização do espaço social de forma que

seus anseios, desejos e esperanças possam ser aquinhoados nesse escopo de partilha. A luta política propriamente dita não é, portanto, um debate racional, mas, antes de tudo, uma luta do povo em marcha para que sua voz seja ouvida e reconhecida como legítimo parceiro na partilha do sensível.

Nossa tolice é querer concluir por antecipação ou sob nossa medida. A trama humana é tecida por fios que guinam, rangem e se estilhaçam, dá voz a movimentos que não permitem que nenhum pensamento possa antecipar garantia. A experiência humana desordena e perturba as forças reguladoras, permite a coexistência de organizações conflitantes em seus objetivos e interesses, aprofunda a fragmentação da sociedade em guetos e favelas. Acontecimentos, singularidades, virtualidades. Sua superfície e sua profundidade já não se caracterizam pelas diferenças de espaço ou de perspectiva de fundo. A superfície é oca, como é oca a profundidade. Broca-se, perfura-se. À medida que se cava, uma nova superfície vem à tona. As aventuras optaram por estar em todos os espaços, escamoteadas, sempre à espreita. Interesses individuais e interesses coletivos assumem novos conceitos em que ambos, ativados, geram resultados de cor imprevisíveis. As relações se estabelecem sem que se veja o movimento de instauração das relações.

Não mais um indivíduo transparente para si mesmo e para o outro; pelo contrário, um indivíduo multifacetado e complexo, de crenças e desejos randomizados em vários “eus”: um eu que esteve em mim, por várias vezes não racionalmente em mim, um eu que vai além de meu corpo, mas um eu que, na verdade, sou eu, não como sujeito, como subjetividades.